



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 15 – Ano VIII – 05/2019
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

AS ABLEPSIAS DOS MÉTODOS QUANTITATIVOS: concepções teóricas

Prof. Dr. Bruno Claytton Oliveira da Silva
Doutorado em Geografia pela UFPE - Brasil
Docente do Centro Universitário Maurício de Nassau em Natal-RN (UNINASSAU,
Natal-RN) e da Rede Estadual de Educação do RN (SEEC-RN)
<http://lattes.cnpq.br/3729041809136315>
E-mail: brunoclaytton@yahoo.com.br

Prof. Dr. Ranyére Silva Nóbrega
Doutor em Meteorologia pela Universidade Federal de Campina Grande -
DCA/UFPG - Brasil
Docente do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco -
DCG-UFPE - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/9860653777047562>
E-mail: ranyere.nobrega@ufpe.br

Resumo: Originalmente, o termo 'ablepsia' tem sido empregado na grande área da Saúde; especialmente, em Medicina. Ademais, destaca-se que, mesmo nesta área, ele possui definições distintas, apesar de próximas, como: 'cegueira', 'falta, privação ou perda da visão', 'incapacidade de discernimento ou falta de lucidez' e 'tornar-se cego'. Todavia, o termo 'ablepsia' não foi empregado como posto até então; isto é, em sua perspectiva denotativa. Na verdade, ele foi explorado de modo não literal. Porém, este último guarda consigo concepções importantes da expressão em sua forma primeira. Isso dito, objetivou-se formular uma concepção teórica para as nuances intrínsecas ao emprego dos Métodos Quantitativos Clássicos (MQC), principalmente, na Geografia. Para isso, realizou-se um longo processo analítico de revisão literária e documental de diversos métodos e técnicas, bem como (re)avaliação de inúmeras publicações que as empregaram. Finalmente, entendeu-se que as 'Ablepsias' dos MQC estão congregadas em dois grupos: as Ablepsias de

Sustentação e as de Absolutização. Especificamente, tem-se que a primeira se caracteriza pela desatenção à predileção devida e/ou emprego irrestrito dos MQC. Ou seja, analogicamente, pode-se associar sua característica principal à “perda da visão” ou “cegueira”, no que tange a escolha da(s) técnica(s) quantitativa(s) devida(s), bem como aos aspectos implícitos à sua operacionalização. Por outro lado, a segunda possuiem como grande marca a não relativização (por vezes, tão necessária) dos resultados, então obtidos, segundo a própria técnica utilizada, ou atrelados a um outro recurso que torne isso possível. Como consequência, percebeu-se que são produzidos, frequentemente, diagnósticos incompletos-equivocados e inferências indevidas em diversos estudos.

Palavras-Chave: Ablepsias. Tendência. Precipitação Pluvial.

Introdução

Historicamente, a ciência geográfica tem sido marcada pela tentativa de universalização das particularidades e, sobretudo, das diferenciações espaciais; fato observado em qualquer uma de suas abordagens ou correntes modernas – Tradicional, Quantitativa, Crítica, Humanística... (GOMES E VITTE, 2017, p. 52).

Todavia, na “contramão” da perspectiva supramencionada, há sempre incertezas não universalizáveis nos estudos geográficos, que, por conseguinte, produzem aspectos como a diferenciação e singularidade das unidades geográficas espaciais (*Ibidem*, p.54).

Estatisticamente, o termo ‘incerteza’ (MELLO, 2014, p.127):

“[...] refere-se ao facto de que quando se efetua a inferência indutiva (isto é, se caminha da AMOSTRA para a POPULAÇÃO) as conclusões extraídas têm inerente um grau de incerteza que só se pode quantificar recorrendo à teoria da probabilidade”.

Entretanto, as incertezas relativas aos estudos geográficos – sobretudo os que visam analisar-avaliar o meio físico-natural – não se configuram, apenas, como de natureza Estatística. Essas podem ser, também, de caráter Físico.

Por exemplo, em casos onde ocorrem variações nas condições iniciais de coleta de dados – referente as descrições de campo – associados a flutuações de certos parâmetros e variáveis consideradas, podem conduzir a descrição a bifurcações. Isto é, um modelo pode explicar certas situações de maneira bastante

divergente em relação às aquelas produzidas por um outro modelo semelhante (GOMES E VITTE, 2017, p.64).

Além das incertezas de origem Física, influentes nos estudos elaborados pela Geografia, existem aquelas que decorrem dos (limites inerentes aos) procedimentos teórico-metodológicos adotados. Esses vão desde os critérios empregados para a seleção do referencial teórico do estudo e/ou base documental, até aspectos relacionados aos métodos, técnicas, critérios de identificação das variáveis, formas de mensuração, de seleção amostral, instrumentos de coleta de dados, parametrizações necessárias, recursos para validação dos dados/resultados obtidos...

Na mesma “corrente” do último campo de incertezas citadas, está um conjunto de aspectos potencializadores de erros inferências; termo aqui denotado como deduções, induções e/ou conclusões.

Tal conjunto é denominado de vieses. Esses podem ser classificados como Amostral, Processual, de Especificação e de Tipo, que se diferenciam pelas seguintes características (IBGE, 1970, p.292):

- Viés Amostral: originado de vários vícios, tais como definições imperfeitas e/ou construção de um sistema de referência falho;
- Viés Processual: erros sistemáticos nos resultados decorrentes da técnica de observação ou de coleta de dados;
- Viés de Especificação: oriundo de um ‘modelo’ – representação estruturada e simplificada da realidade ou de um aspecto do mundo real (CHRISTOFOLETTI, 1999, p.8) – inapropriado ao caso associado, geralmente, à existência de erros em suas variáveis;
- Viés de Tipo: erro sistemático introduzido no cálculo de ‘números índices’ – relação entre dois estados de uma variável ou de um grupo de variáveis (CRESPO, 2009, p.161) – devido ao uso de uma média inapropriada.

Notando o impacto e a reincidência frequente do grande conjunto de ‘incertezas’ aos históricos estudos desenvolvidos pela ciência geográfica – especialmente àqueles alinhados à Geografia Física – é que nasce o interesse primordial deste trabalho. Ou seja, é justamente no bojo desta discussão que este trabalho se insere.

Desde já, enfatiza-se que esta obra não aspira sobrepujar nenhum dos procedimentos metodológicos, até hoje descritos na literatura, relativos as técnicas descritivo-exploratórias, matemático-estatísticas tradicionais ou contemporâneas, estáticas ou dinâmicas/rítmicas... Ao mesmo tempo, não se pretende, aqui, consubstanciar com a ideia de banimento das técnicas ditas ‘aborrecidas’, ‘entediantes’ e ‘destrutivas’ – como afirmam Zavattini e Boin (2013, p.8-9), citando Monteiro (1999) e Pédelaborde (1991).

Em face do exposto, não se intentou a partir do trabalho romper ou criar um paradigma reinante, metodologicamente, para ciência geográfica. Ao contrário, objetivou-se formular uma concepção teórica para as nuances intrínsecas ao emprego dos Métodos Quantitativos Clássicos (MQC), principalmente, na Geografia..

As Ablepsias: concepção original

Originalmente, o termo ‘*ablepsia*’ tem sido empregado, tecnicamente, na grande área da Saúde; especialmente, em Medicina.

Destaca-se que, mesmo nesta área, ele possui definições/concepções distintas, apesar de próximas, como: ‘cegueira’, ‘falta, privação ou perda da visão’, ‘incapacidade de discernimento ou falta de lucidez’ e ‘tornar-se cego’ (DICIONÁRIO MÉDICO, 2017, p.1; DICIO, 2018, p.1; PRIBERAM, 2018, p.1; AULETE, 2018; p.1; AURÉLIO, 2018, p.1).

Ainda na área médica, a principal causa para o surgimento da ablepsia (em adultos) é a degeneração macular, que produz o embaciamento da visão e/ou a

incapacidade (gradual) de discriminar, com nitidez, detalhes específicos de objetos com dimensões reduzidas (RODRIGUES, 2014, p.7-8).

Enfatiza-se que tais problemas visuais podem ser mitigados a partir de lentes corretivas – que minimizam seus défices funcionais – ou resolvidos, em definitivo, a partir de procedimentos cirúrgicos (*Ibidem*, p.8).

Idealização e Constituição Teórico-Metodológica das Ablepsias dos MTC_s na Geografia

Dada a área e a natureza da área (Geografia), o termo ablepsia não é aqui empregado, obviamente, como posto até então; isto é, em sua perspectiva original/denotativa.

Na verdade, ele é explorado de modo não literal. Porém, este último guarda consigo concepções importantes da expressão em sua forma primeira.

Isso dito, a ablepsia inerente aos Métodos Quantitativos Clássicos (MQC_s), aqui discutida, conota, em sua totalidade, ‘aquilo que é, *a priori*, inaparente’. Por sinal, ela é justificada, também em termos conotativos, pelos “mesmos” “distúrbios” outrora citados: “embaciamento da visão” e/ou “incapacidade de se discriminar detalhes em objetos específicos”.

Não obstante, mais detalhada e tecnicamente, partiu-se, para tal definição, da premissa de que as ablepsias se dão involuntariamente. Ou seja, sem o desejo explícito do pesquisador de praticar um ato indevido. Portanto, com culpa, mas sem ‘dolo’; no sentido estrito destes termos. Por conseguinte, elas têm seus registros atrelados aos aspectos (causais) seguintes: Imperícia, Imprudência e Negligência.

Reitera-se que a supradita ‘involuntariedade’ pressupõe a estreita e necessária interação entre ‘ciência e ética; que tem sua concepção, perfeitamente, traduzida a partir do recorte textual a seguir:

“As relações entre Ética e Ciência situam-se no horizonte mais vasto da interação entre “valores” ou “interesses” e a actividade cognitiva de produção de conhecimento, horizonte no interior do qual se podem delimitar

áreas específicas de interação entre vários domínios axiológicos e o processo de investigação científica. Essas áreas, distintas e interdependentes, incluem não somente as relações intrínsecas entre a ciência e os valores genuinamente epistêmicos ou cognitivos que constituem a sua condição de possibilidade, mas também as relações – aparentemente extrínsecas – entre a ciência e outros valores extra-epistêmicos, ou seja, valores éticos, estéticos, sociais, políticos e religiosos, que encerram algumas das motivações mais profundas para a prática científica” (JESUS, 2012, p.355).

Retomando-se a discussão anterior, os aspectos causais das ablepsias, a pouco supramencionados, foram, então, denominados ‘Fatores ‘Ablépticos’. Inclusive, suas definições, nesta obra, seguem (*ipsis litteris*) as concepções originais que lhes são atribuídas em âmbito jurídico. Desta forma, segundo Freitas e Oguisso (2003, p.637-638):

“A negligência, consiste na inação, inércia, passividade ou omissão, entendendo que é negligente quem, podendo ou devendo agir de determinado modo, por indolência ou preguiça mental, não age ou se comporta de modo diverso... A imperícia reveste-se da falta de conhecimento ou de preparo técnico ou habilidade para executar determinada atribuição. Em contrapartida, a imprudência decorre da ação açodada, precipitada e sem a devida precaução”.

Guardadas as devidas características próprias – haja vista que aqui se aplica a expressão, restritivamente, aos MQC_s – a concepção sobre ‘ablepsia’ desenvolvida converge para perspectiva empregada por Lopes (2007); que, diferentemente, a aplica em sentido amplo às pesquisas científicas.

O mencionado autor afirma que “... a singularidade do *acontecimento* que, embora guarde vínculos com o *estado de coisas*, não raramente é desprezado nas pesquisas científicas por uma certa ablepsia que não lhes permite captar a *invisibilidade* de certos fenômenos” (*Ibidem*, p.6).

Em face do exposto, idealizou-se que as ablepsias, relativas aos MQC_s, estão congregadas em dois grupos: as Ablepsias de Sustentação e as de Absolutização.

Notadamente, o primeiro tipo citado se caracteriza pela desatenção à predileção devida e/ou emprego irrestrito dos citados métodos. Ou seja, analogicamente, pode-se associar sua característica principal à “perda da visão” ou “cegueira”, no que tange a escolha da(s) técnica(s) quantitativa(s) devida(s), bem como aos aspectos implícitos à sua operacionalização. Ademais, destaca-se que ambos devem estar balizados pela atenção as suas respectivas

premissas/pressupostos; que estão ligadas as condicionantes e aos limites de cada técnica.

Distintamente, as Ablepsias de Absolutização possuem como grande marca a não relativização (por vezes, tão necessária) dos resultados, então obtidos, segundo a própria técnica utilizada, ou atrelados a um outro recurso que torne isso possível.

A relatividade mencionada relaciona-se a uma certa 'subjatividade' – conotada no sentido de 'particularidade' e não de 'pessoal' – que se apresenta como impreterível ao emprego dos Métodos Quantitativos Clássicos, sobretudo, nos estudos geográficos.

A despeito do valor da supradita relatividade, e da relevância de distanciar-se da absolutização, o geógrafo inglês Brian J. L. Berry (1972, p.7) afirma que:

“A ‘realidade’ de qualquer elemento dentro de um sistema não é somente relativa a todo o sistema de elementos, ela também é relativa ao tempo. Portanto, procurar qualquer coisa fixa é haver-se com uma falsa concepção, pois que toda a existência de fenômeno passa a ser imediatamente vista transitoriamente, quando é acrescentada à dimensão tempo. Nenhuma determinada coisa é ‘real’ em qualquer sentido absoluto: ela está se transformando em qualquer outra coisa a cada momento (BERRY, 1972, p.7)”.

As ideias sobre o ‘pensamento condicional’ e a ‘relatividade’ de Berry (1972) estão alinhadas ao que ele mesmo denominou de ‘processo Metageográfico’ ou ‘Metageografia’, tida como “a parte da especulação geográfica que lida com os princípios que se encontram por trás das percepções da realidade, e os transcende, abrangendo conceitos tais como essência, causa e identidade” (*Ibidem*, p.8).

Essencialmente, a Metageografia, segundo o mesmo autor e obra, está embasada no processo ‘Metafísico’, ou seja, aquele que concebe o universo como sendo formado não por um conjunto de objetos, mas por uma hierarquia complexa de pequenas e grandes formas de fluxos (processos), que estão inseridas em sistemas de escala ainda maior.

É, justamente, a partir da destacada contribuição da ‘Metageografia’ de Berry (1972), que se fundamenta, ainda, na ‘transcendência’ numa perspectiva ‘causal’ e

na abordagem Sistêmica, que se concebeu, em especial, as 'Ablepsias de Absolutização' dos MQC_s.

No cerne das duas ablepsias buscou-se contribuir, teórico, técnica e operacionalmente, para a construção de uma abordagem que não levasse o pesquisador à 'Desfechos Ablépticos'; aqui concebidos como os produtos (caracterizações, descrições, diagnósticos, prognósticos, inferências...) gerados a partir da "incorrência" em ambas as ablepsias. Ou seja, buscou-se preencher, como menciona Christofolletti (1985, p.5), uma lacuna quanto a existência de um 'instrumento de reflexão (crítica) e orientação', sobretudo em língua portuguesa, para a aplicação devida dos MQC_s aos estudos geográficos, em especial, na caracterização da quadra chuvosa do Semiárido Potiguar.

Merece ser destacado que tanto para as "Lentes Corretivas" quanto para os "Procedimentos Cirúrgicos" – tidos como estratégias resolutivas correspondentes, respectivamente, as Ablepsias de Sustentação e Absolutização – serem empregados devidamente, partiu-se da apropriação da 'Abordagem Integrativa'.

Segundo Bruner (2014, p.3) as Abordagens Integrativas foram praticadas, comumente:

“... durante muitos séculos, só recentemente voltou a ser reconhecida como valiosa, contrariando a tendência para uma crescente especialização. Isto é particularmente importante hoje em dia devido aos grandes avanços científicos em todas as áreas e à imperiosa necessidade de juntar as partes para a construção de um todo”.

Complementarmente, acrescenta-se que, diferente de outrora, a supradita abordagem pode ser considerada, hoje, como extremamente 'ecletica', haja vista que ela transcendeu o "seio proposicional" mencionado e tem sido empregada, conseqüentemente, em várias áreas ou campos científicos, a saber: Saúde, Ciências Biológicas e Ecologia, Educação, Gestão e Negócios, Engenharias (principalmente, Industriais), Geociências (por exemplo, Biogeografia e Geomorfologia) ...

Na área da Saúde, especialmente em Psicologia Clínica, ela tem representado, segundo Sundfeld (2000, p.254):

“... um esforço para olhar além das fronteiras que demarcam as diferentes abordagens na tentativa de observar o que pode ser aprendido de outras perspectivas... Se conduzida apenas por um raciocínio linear e causal, a integração das abordagens psicológicas corre o risco de produzir sínteses reducionistas que ao invés de favorecerem o enriquecimento teórico e o permanente diálogo, concorrerão para a construção de meta discursos.”

Em Educação, na perspectiva da Cultura Escolar, ela foi tida por Pol *et al.* (2007, p.72) como uma “tendência para integrar e superar a ausência de unidade terminológica utilizando os contributos de várias disciplinas da ciência em várias relações (proporções) é, não só, interessante mas também, benéfico para a futura pesquisa da cultura escolar”. Ademais, acrescenta-se que as omitidas ciências foram: Gestão, Antropologia e Sociologia, além da Pedagogia.

Na área de Gestão e Negócios, especificamente, em Conhecimento e Estratégia Organizacional, Freitas e Leitão (2004, p.13) a sugeriram como “uma abordagem alternativa, integradora, a partir da biologia cognitiva e das redes de comunicação e das estruturas de significados a ela associadas...”. Além disso, para eles, “uma teoria integrativa do conhecimento deve obrigatoriamente ser vinculada aos processos de aprendizagem e mudança, porque são um mesmo processo cognitivo-afetivo, o mesmo fenômeno mental...”.

Já na área de Industrial (Engenharia de Produção), na relação entre as subáreas de Estratégias de Operações e Cadeia de Suprimentos, Maia, Cerra e Alves Filho (2005, p.379), discutindo sobre a necessidade de realização de *trade-offs* em sistemas de produção, apontam que a visão/Abordagem Integrativa pode consorciar os elementos de duas das mais antagônicas correntes de pensamento: a Tradicional (Skinner, 1969) e Cumulativa (Ferdows e De Meyer, 1990).

Por outro lado, segundo Martins e Coutinho (2010, p.42), nas Ciências Biológicas/Ecologia, a Abordagem Integrativa é:

“... representada pela Biologia Evolutiva e pelas abordagens sistêmicas dos vários níveis de organização pertencentes à Ecologia... “Essa abordagem é caracteristicamente interdisciplinar, devido à complexidade dos níveis de organização examinados em conjunto e à variedade de conhecimentos oriundos de diferentes disciplinas, que é necessária para que essa complexidade seja parcialmente compreendida. Nesse caso, inclusive, deve-se determinar meios operativos capazes de facilitar a elaboração do conhecimento interdisciplinar por meio da integração de diferentes disciplinas”.

Já na Biogeografia, especificamente nas perspectivas Filogenéticas e Filogeográficas, Brunet (2014, p.14) empregou a Abordagem Integrativa “acoplando métodos filogeográficos convencionais e os baseados em testes estatísticos de hipóteses com técnicas de modelação paleoclimática”. Ademais, ele buscou:

“... abordar vários aspectos da biologia evolutiva usando a informação de várias disciplinas, como a filogenia, filogeografia e genética populacional em combinação com modelos de nicho ecológico, que por sua vez reúnem a informação de várias outras disciplinas, como a geologia, climatologia, botânica, entre outras” (*Ibidem*, p.35).

Nas áreas de Geociências, Engenharia Geológica e de Minas, em caracterização geológica-estrutural, geotécnica e geomecânica de maciços rochosos, Galiza *et al.* (2011, p.76) afirmam que a supramencionada abordagem “... só pode ser atingida como uma rigorosa e sistemática recolha dos dados no terreno, seguida de uma análise e interpretação da interacção entre as características geológico-geotécnicas e geomecânica do maciço...”. Ademais, tais autores asseveram que tal integração trouxe “benefícios técnicos-económicos no que diz respeito à prática do desmonte de rocha com explosivos” (*Ibidem*).

Já em Geomorfologia (Fluvial), Marçal e Lima (2016) utilizaram a Abordagem Integrativa como instrumento teórico-metodológico para discutir “a visão de rede enfatizando controles na escala do sistema e a visão de trechos focando na descontinuidade e nos controles locais”. Além disso, foi destacada “a importância da integração das visões de rede e trechos na análise da organização de sistemas fluviais” (*Ibidem*).

Avaliando as concepções apresentadas sobre a Abordagem Integrativa, irá se perceber que apesar de amplamente diversificadas quanto ao seu emprego e áreas, elas possuem uma ideias centrais em comum, que marcam a referida abordagem, e se notabilizam a partir de termos ou expressões como: ‘olhar além das fronteiras’, ‘diálogo’, ‘contributos de várias disciplinas’, ‘associadas’, ‘consorciar’, ‘conjunto’, ‘diferentes disciplinas’, ‘operativos’, ‘integração’, ‘integração das visões’, ‘acoplando’, ‘várias’, ‘combinação’ e ‘interacção’...

A partir da extração e explicitação dos verbetes acima, via análise textual, pode-se conceber a Abordagem Integrativa como um instrumento teórico-

metodológico que visa reunir ‘saberes’ diversos – sejam esses intrínsecos ou extrínsecos a dada área ou método – de modo a produzir resultados ‘para além’ daquilo que foi/é produzido por uma abordagem convencional.

Dentre tantas potencialidades desta abordagem, como mencionam Marçal e Lima (2016, p.26), tem-se que ela “contribui para se evitar equívocos nas tomadas de decisão decorrentes da generalização de conhecimentos e transferência de descobertas para fora do seu contexto original”.

Estrutura lógico-Mental da Concepção das Ablepsias dos MQC_s na Geografia

Por meio do mapa mental abaixo, é exposto, graficamente, a concatenação dos vários elementos (outrora detalhados textualmente) relativos as ‘bases fundamentais desta proposição teórica:

Figura 1 – Mapa Mental da Concepção Teórica das Ablepsias dos MQC_s



Fonte: Próprio autor, 2018.

Como pode ser observado por meio do Mapa acima exposto, nota-se que a origem do termo *ablepsia* está ligado a “falta, privação ou perda da visão”, “cegueira” ou “falta de lucidez”. Por conseguinte, esses produzem “embaciamento da visão” ou “incapacidade (gradual) de discriminar detalhes específicos”.

Não obstante, nota-se que as *ablepsias* estão ligadas aos ‘Fatores Ablépticos’, que tomam como premissas a ‘Involuntariedade’ e a ‘Ética Científica’, e que, assim, se notabilizam pela Negligência, Imperícia e Imprudência.

São justamente tais fatores que produzirão tipificações das (até então genéricas) *ablepsias*, sendo essas: de Sustentação e de Absolutização.

O primeiro tipo de *ablepsia* está embasado nas premissas, pressupostos e/ou limites intrínsecos a cada técnica. Diferentemente, a segunda está fundamenta na ‘Metageografia de Berry’; que alerta sobre a necessidade de relativização.

Como resultado, ambas os tipos de *ablepsias* produzem ‘Desfechos Ablépticos’; caracterizados por resultados indevidos e/ou inacabados. Porém, como apresentado no ‘mapa’, por meio de Abordagens Integrativas, que fornecem tanto “Lentes Corretivas” (às *Ablepsias* de Sustentação) quanto “Procedimentos Cirúrgicos” (às *Ablepsias* de Absolutização), poder-se-á alcançar, finalmente, ‘Desfechos Devidos’ (conclusões corretas e abrangentes).

Considerações Finais

A partir da discussão e proposições realizadas, acredita-se que o objetivo central deste trabalho foi alcançado: formular uma concepção teórica para as nuâncias intrínsecas ao emprego dos Métodos Quantitativos Clássicos (MQC), principalmente, na Geografia.

Ao mesmo tempo, compreende-se que o trabalho, se não rompeu com os MQC_s (algo jamais objetivado!), idealizou uma concepção teórico-metodológica a acerca de um problema muito comum na referida área que, principalmente, por meio de Abordagens Integrativas, destacou a possibilidade de “deficiências visuais” serem

corrigidas. Ou seja, ressaltou-se a necessidade de atenção às, aqui denominadas, Ablepsias de Sustentação e de Absolutização intrínseca à ciência geográfica.

Abstract: Originally, the term 'ablepsia' has been used in the large area of Health; especially in medicine. In addition, it is noted that, even in this area, it has different definitions, although close, such as: 'blindness', 'lack, deprivation or loss of sight', 'inability to discern or lack lucidity' and 'become blind'. However, the term 'ablepsia' was not used as a post until then; that is, in its denotative perspective. In fact, it has been explored in a non-literal way. However, the latter holds important conceptions of expression in its first form. That said, it was aimed to formulate a theoretical conception for the intrinsic nuances to the use of Classical Quantitative Methods (MQC), mainly in Geography. For this, a long analytical process of literary and documentary revision of several methods and techniques was carried out, as well as (re) evaluation of numerous publications that used them. Finally, it was understood that the 'Ablepsias' of the MQC are gathered in two groups: the Ablepsias of Support and those of Absolutization. Specifically, the former is characterized by inattention to the due predilection and / or unrestricted use of QCM. That is, in analogy, one can associate its main characteristic with "loss of sight" or "blindness", regarding the choice of quantitative technique (s) due, as well as the implicit aspects to its operationalization. On the other hand, the second has as a great mark the non-relativization (sometimes so necessary) of the results, then obtained, according to the technique used, or linked to another resource that makes this possible. Therefore, it has been noticed that often incomplete-misdiagnosed diagnoses and undue inferences are produced in several studies.

Keywords: Ablepsias. Trend. Rainfall.

REFERÊNCIAS

AULETE. **Ablepsia**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/ablepsia>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

BERRY, B. J. L. Um paradigma para a Geografia Moderna. **Revista Brasileira de Geografia (RBG)**, v.34, n.3, p.3-18, 1972. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=7115>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

BRUNES, T. O. **Biogeografia e diversificação de um grupo de anuros Neotropicais, *Phyllomedusa burmeisteri***: Abordagem integrativa através de análises moleculares e modelos de nicho ecológico. Tese de Doutorado em Ciências Biológicas, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Porto, 2014. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/85882/2/34573.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

CHRISTOFOLETTI, A. As perspectivas dos estudos geográficos. 2 ed. In: _____. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985. Disponível em: <<http://sigcursos.tripod.com/perspetivas.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de Sistemas Ambientais**. São Paulo. Edgard Blücher, 1999. 236p.

CRESPO, A. A. **Estatística Fácil**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

DICIO. **Ablepsia**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ablepsia/>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

DICIONÁRIOMÉDICO.COM. **Ablepsia**. Disponível em: <<https://www.xn--dicionariomdico0gb6k.com/display.php?action=search&word=ABLEPSIA>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

FREITAS, G. F.; OGUISSO, T. Ocorrências éticas na Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.56, n.6, p.637-639. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672003000600009&lng=en&tlng=en>. Acesso em: 19 dez. 2018.

FREITAS, J. A. S. B.; LEITÃO, S. P. Em Busca de uma Abordagem Integrativa do Conhecimento Organizacional. **O&S**, v.11, n.30, 2004, p.13-28. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/osoc/v11n30/01.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

GALIZA, A. C; RAMOS, L; FONSECA, L; CHAMINÉ, H. I. Geotecnia mineira de maciços rochosos fracturados para o controlo da qualidade do desmonte. **Ingenium**, v.?, n.?, p.76-80, jul./ago., 2011. Disponível em: <<http://www.dgeg.gov.pt/wwwbase/wwwinclude/ficheiro.aspx?tipo=1&id=20249>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

GOMES, R. D.; VITTE, A. C. As incertezas científicas e a Geografia. **Revista Brasileira de Geografia**, v.62, n.1, p.51-72, 2017. Disponível em: <<https://rbg.ibge.gov.br/index.php/rbg/issue/view/10>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dicionário Brasileiro de Estatística**. 2ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.

JESUS, P. R. Ética e ciência: Questionar as relações entre a Verdade e o Bem. In: BECKERT, C. *et al.* (Coord.). **Ética: Teoria e prática**. Lisboa: CFUL, 2012. p.355-366. Disponível em: <<http://repositorio.uportu.pt/handle/11328/809>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

LOPES, P. R. M. **O espaço como matriz epistemológica na comunicação**. 2007. 181p. (Dissertação) Mestrado em Ciências da Comunicação – Curso de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo (USP).

MAIA, J. L.; CERRA, A. L.; ALVES FILHO, A. G. Inter-relações entre estratégia de operações e gestão da cadeia de suprimentos: estudos de caso no segmento de motores para automóveis. **Gestão & Produção**, v.12, n.3, p.377-391, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/gp/v12n3/28026.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

MARÇAL, M. S; LIMA, R. N. S. Abordagens Conceituais Contemporâneas na Geomorfologia Fluvial. **Espaço Aberto**, v.6, n.1, p.17-33, 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5793393>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

MARTINS, R. P; COUTINHO, F. A. Possibilidades e limitações da análise e síntese em Ecologia: uma discussão necessária na formação de ecólogos. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v.7, n.12, p.36-54, 2010. Disponível em: <<http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/180/174>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

MELLO, F. M. **Dicionário de Estatística**. Edições Sílabo: Lisboa, 2014. 311p.

POL, M.; HLOUSKOVÁ, L.; NOVOTNY, P.; ZOUNEK, J. Em busca do conceito de cultura escolar: Uma contribuição para as discussões actuais. **Revista Lusófona de Educação**, v.10, n?, 2007, p.63-79. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/rle/n10/n10a06.pdf> >. Acesso em: 22 dez. 2018.

PRIBERAM. **Ablepsia**. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/ablepsia>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

RODRIGUES, F. S. Declínio cognitivo na senescência e repercussões no contexto familiar. **Psicologia.pt**, 2014. 30p. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?declinio-cognitivo-na-senescencia-e-repercussoes-no-contexto-familiar&codigo=TL0383&area=D11A>. Acesso em: 18 dez. 2018.

SUNDFELD, A. C. Abordagem Integrativa: Reterritorialização do Saber Clínico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.16, n.13, 2000, p.251-257. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722000000300008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 22 dez. 2018.

ZAVATTINI, J. A.; BOIN, M. N. **Climatologia Geográfica**: teoria e prática de pesquisa. Campinas: Editora Alínea, 2013. 151p.

Processo de Avaliação por Pares: *Blind Review*

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 05/2019

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico Multidisciplinar - UFVJM